

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor Litoral

ALIOMAR BONFIM DE JESUS

A TRANSFORMAÇÃO DE UM EDUCADOR

CURITIBA
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor Litoral

ALIOMAR BONFIM DE JESUS

A TRANSFORMAÇÃO DE UM EDUCADOR

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Pósgraduação
em Alternativas para
uma Nova Educação, Setor Litoral
da Universidade Federal do Paraná,
como requisito parcial à obtenção
do título de Especialista em
Educação.

CURITIBA
2022

A TRANSFORMAÇÃO DE UM EDUCADOR

*Minha transformação após chegar
em Heliópolis*

Cada um tem a sua história, sua vida, suas dores... Só a gente sabe o quão profundas são as cicatrizes causadas pelos tombos que tomamos na vida. Só a gente sabe o que passamos, quantas vezes tivemos que nos levantar, enxugar as lágrimas e recomeçar. Só a gente sabe!

Não deixe que ninguém lhe diga que você não consegue. As pessoas gostam de falar sobre o que não conhecem.

Fraan Souza



Fonte: página da UNAS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus.

Às minhas mediadoras, Samyra de Lourdes Stephan, Valquíria Madureira, Sonia Goulart e Jean Christopher Sanches, por estarem juntos comigo nessa busca por uma Alternativa por uma Nova Educação, a todos os professores do curso (ANE 3) da Universidade Federal do Paraná (UFPR LITORAL), pela excelência, apoio e troca de saberes.

Aos meus colegas e amigos da ANE 03, um especial agradecimento por terem feito parte desta luta em busca de uma educação libertadora.

Aos meus pais, Pedro Firmino e Maria da Conceição, meus irmãos, Aryana, Arismar, Isaías, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando ao longo de toda a minha trajetória. Minha companheira, Simone Reis, a toda família Reis, minhas cunhadas e cunhados, aos meus filhos Erick, Filipe, e Marcelly, por estarem sempre ao meu lado, e aos meus colegas de trabalho do CCA, Izaura, e um agradecimento especial à UNAS.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma produção bibliográfica das minhas experiências no bairro Educador, em Heliópolis, São Paulo. Contarei aqui um pouco da minha história de vida e transformação pessoal e profissional ao chegar nesse local. Trarei outras histórias de pessoas que relatam também terem sido transformadas no bairro Educador, uma possibilidade de que os autores sejam protagonistas da escrita, ou seja, eu irei falar de trajetórias de vida, dos meus percursos de formação, e, ainda, construir um exercício reflexivo acerca delas. Este memorial me possibilita documentar, de forma descritiva e analítica, memórias e fatos que considero importantes na minha vida pessoal, acadêmica e profissional, contribuindo, para que o leitor conheça a minha formação como educador, numa comunidade considerada bairro Educador. Esta produção tem por objetivo ainda, refletir sobre as práticas assertivas da Educação não tradicional, buscando destacar a importância da implementação de mudanças na prática educacional, modalidade de ensino e sua manutenção como política pública de inclusão da sociedade em geral. Sob essa perspectiva, esse texto se propõe a dialogar com importantes autores como Paulo Freire e José Pacheco, entre outros, que trarão a base teórica, além de demonstrar as influências desses mestres na minha vida profissional e pessoal, que inspiram a prática diária para transformar Heliópolis em um bairro educador.

Palavras-Chave: Bairro Educador, transformação do educador, educação não tradicional.

ABSTRACT

The present work is a bibliographical production of my experiences in the educator neighborhood, in Heliópolis, São Paulo. I will tell here a little of my life story and personal and professional transformation when I arrived at this place. I will bring other stories of people who also report having been transformed in the educator neighborhood, a possibility that the authors are protagonists of writing, that is, I will talk about life trajectories, my training paths, and also build an exercise reflective about them. This memorial allows me to document, in a descriptive and analytical way, memories and facts that I consider important in my personal, academic and professional life, helping the reader to get to know my training as an educator, in a community considered an Educator neighborhood. This production also aims to reflect on the assertive practices of non-traditional Education, seeking to highlight the importance of implementing changes in educational practice, teaching modality and its maintenance as a public policy for the inclusion of society in general. From this perspective, this text proposes to dialogue with important authors such as Paulo Freire and José Pacheco, among others, who will bring the theoretical basis, in addition to demonstrating the influences of these masters in my professional and personal life, who inspire daily practice to transform Heliópolis in an educational neighborhood.

Keywords: Neighborhood Educator, transformation of the educator, non-traditional education.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - 1º alojamento de Heliópolis 153 famílias trazidas pela prefeitura da favela Vila Prudente -15
- Figura 2** - Mutirão para construir moradia em Heliópolis - 16
- Figura 3** - Reunião das lideranças -17
- Figura 4** - O antigo Ozen - 19
- Figura 5** - Braz Diretor da Campos Salles derrubando as paredes - 21
- Figura 6** - Crianças do CCA Izaura na caminhada da paz do Parque Bristol 2022 - 27
- Figura 7** - Mobilização na comunidade - 23
- Figura 8** - Crianças na Caminhada da Paz - 23
- Figura 9** - *Atividade CCA Izaura - 25*
- Figura 10** - *Crianças cca Izaura - 25*
- Figura 11** - Roda de conversa na praça - 26
- Figura 12** - Ruy Ohtake prédios redondinhos - 29

SUMÁRIO

A TRANSFORMAÇÃO DE UM EDUCADOR.....	4
AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO	6
LISTA DE FIGURAS.....	7
INTRODUÇÃO.....	9
MINHA HISTÓRIA	10
SURGIMENTO DE GRANDES LIDERANÇAS.....	17
PROJETOS E AÇÕES QUE FAZEM DE HELIÓPOLIS REFERÊNCIA NO BRASIL.....	19
CAMINHADA PELA PAZ DE HELIÓPOLIS	22
MEU LOCAL DE ATUAÇÃO, MINHAS PRÁTICAS	23
HISTÓRIA QUE NOS FORTALECE.....	28
RELATOS DE TRANSFORMAÇÃO PELA EDUCAÇÃO EM HELIÓPOLIS	
Milena Carrari.....	30
Simone Reis.....	32
Josiana Franchi.....	33
Patrícia Ramos.....	35
Luciana Agda.....	35
Gislaine Alvim	36
BIBLIOGRAFIA.....	40
PROJETOS E MOVIMENTOS DA UNAS	41

INTRODUÇÃO

Eu sou Aliomar Bonfim de Jesus, tenho 40 anos, casado, dois filhos, sou um educador social formado em Licenciatura em História, cursando pós-graduação em Alternativa para uma Nova Educação, na Universidade Federal do Paraná (UFPR Litoral).

Nesta história de vida, tive oportunidade de fazer uma “radiografia” das minhas memórias e recordar todos os bons momentos que me fizeram crescer como ser humano e como educador. Das muitas palavras que escrevi, ficaram-me na memória a infância feliz que tive, apesar das limitações econômicas, a mãe maravilhosa que foi a mulher que me trouxe ao mundo, a família que tem sido o meu amparo ao longo de todos estes anos, e os amigos que nos bons e maus momentos estão sempre presentes. Percorri todos esses anos com alguma nostalgia, mas sempre na luta por dias melhores, dado que a vida tem muitas curvas e cabe a nós saber contorná-las. Toda vida requer responsabilidade, coragem, empenho e dedicação, não deixo, no entanto, de equacionar o que seria dela se eu não seguisse estas diretrizes. Todas as etapas da vida são uma aprendizagem e as adversidades que ela tem me colocado servem para fortalecer o meu carácter. Sinto, no entanto, uma gratidão enorme por todos os momentos de felicidade que a vida tem me proporcionado e, assim, ter força interior para conquistar a autoconfiança e a coragem que é necessária para encarar a vida com optimismo.

Vou continuar a lutar pelos meus objetivos e, num futuro próximo, realizei um curso de mestrado para poder continuar a fazer o que gosto, me dedicando a uma vertente não tradicional da educação. As páginas que vão ler a seguir são apenas uma simples história de vida de um educador. Espero que gostem.

MINHA HISTÓRIA

Antes de tudo, irei falar como começou o processo de minha transformação. Nasci em uma pequena cidade no sul da Bahia, chamada Coaraci, estudei em escola pública, por muitos anos morei na zona rural, minha família é de agricultores. Tenho o perfil de várias famílias com baixos níveis de escolaridade e de renda, e tornei-me o primeiro universitário da família. Para chegar a esse mérito tive que contar com doses extras de motivação e persistência, tive que enfrentar as dificuldades e dar continuidade aos estudos. Meu desafio foi grande até conseguir ingressar no ensino superior, pois apenas 10,2% da população negra tinha esse acesso, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, de 2001.

Ao mesmo tempo, é motivo de alegria falar que fui privilegiado em fazer parte deste avanço, contamos, nesse período, com um partido que pensou em nossa população, por isso tenho toda propriedade em falar que os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff revolucionaram a educação no Brasil e atingiram todos os níveis de ensino, permitindo que a educação pública fizesse avanços no país. Cresce o número de jovens que ingressaram no ensino médio na idade certa, aumentou o acesso ao ensino superior, as universidades chegaram ao interior do Brasil, e os filhos de trabalhadores rurais, pedreiros, faxineiras, empregadas domésticas entraram na Universidade pública. Enfim, os sonhos dos filhos dos trabalhadores começaram a se tornar realidade. Sempre me recordo como minha mãe e meu pai se emocionam ao falar para os seus patrões: "meu filho está na universidade". Hoje sei o quanto essa fala incomodava, naquela época a Universidade era para os filhos dos patrões, naquele momento estava perdendo um sucessor do meu pai, estava perdendo uma mão de obra. Eu, estando na Universidade, quebrava um ciclo de sucessão de mão de obra, e ainda estava frequentando o espaço que era visto só para os filhos deles, pois as Universidades eram espaços para os ricos.

Fiz a faculdade em Jequié, cidade do sudoeste da Bahia, durante o período de estudos, morei sozinho, trabalhava em uma fábrica de sapato, saía às seis horas da manhã, do trabalho seguia direto para faculdade. Tem uma recordação engraçada, eu tomava banho no fundo da fábrica com uma caneca, era auxiliar de produção, sempre um dos últimos a sair, tinha que esperar todos irem embora e aproveitar para tomar banho antes de sair.

Concluí o curso de Licenciatura em História em 2008, acho que vocês conseguem imaginar o tamanho da alegria da minha família. No período da faculdade, fiz alguns cursos de extensão, mas quero deixar registrado os cursos de extensão em “Educação e Culturas Afro-brasileira” e “Metodologia da Pesquisa em Relações Étnicas”, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Participei de dois congressos de Pesquisadores Negros na Universidade Estadual de Feira de Santana (UFFS), e foi um aprendizado de suma importância para minha vida, onde me reconheci como negro e comecei a perceber as desigualdades desse país, que antes não percebia.

Fui estagiário em uma escola estadual em Jequié, e nesta mesma escola, consegui um contrato temporário. Pedi demissão da fábrica, passei a ser professor de História e Geografia do estado. Depois de dois anos de contrato, fui convidado a voltar como professor na antiga escola em que estudei, e foi uma grande emoção voltar para onde estudei como professor. Colégio Educandário Pestalozzi, essa foi a escola onde passei a maior parte da minha vida. Ao escrever, me recordo de tantas coisas, quantos ensinamentos, quantas pessoas contribuíram na minha formação.

Ainda assim, não poderia deixar de citar algumas injustiças que sofri e que me marcaram, a que ficou bem-marcada na minha mente foi quando, um certo dia, um professor me falou: “Aliomar, se não tem condições de estudar, não estude”.

Contarei a vocês por qual motivo ouvi, do meu professor, essa fala. Eu cursava a 5ª série do ensino fundamental, nessa escola o livro de inglês tinha que ser comprado pelos alunos, quem não tinha o livro ficava impossibilitado de assistir a aula. Minha mãe comprou, mas eu emprestei para minha colega fazer um trabalho. Aconteceu que nesse dia ela faltou e não consegui pegar o bendito livro. Na hora da aula o professor disse: quem está com o livro? Só iria assistir à aula quem estivesse com livro. Falei que minha mãe ainda não tinha comprado, para não falar que tinha emprestado, então recebi essa resposta dele. Sei que é chocante, mas infelizmente passei por várias situações como essa durante minha trajetória escolar e universitária. Na minha cidade Coaraci os meus colegas das escolas eram todos filhos de pessoas de classe média, a maioria filhos de funcionários da prefeitura ou comerciantes,

exceto eu, que como minha mãe sempre fala fui ousado. Minha mãe deixava de comprar uma roupa ou fazer um passeio para conseguir me manter na escola.

Nessa época, para estudar em escola pública, o aluno tinha que comprar fardamento escolar, ter o cabelo cortado, tênis, calças jeans era obrigatória, além de todo o material escolar e alguns livros específicos, como citei o de inglês.

Pensem comigo, a maioria dos meus vizinhos não conseguia comer direito, como teriam condições de comprar tudo isso? Desistiram da escola para trabalhar e ajudar as famílias nas despesas da casa. A escola era considerada pública, o governo fazia campanha de criança na escola, mas nem todos tinham condições de estudar, a escola pública excluía de forma que muita gente não percebia, hoje sabemos quem era essa população e porque não conseguiam concluir os estudos, os pobres.

Encontrei pessoas que foram anjos na minha vida, professores que acreditaram e me incentivaram muito, lembro de alguns professores como o de matemática, saudoso Elivaldo, Mary Suely, Valdir, professor de História, Saul Brito, de português. Quem esquece da diretora da escola tia Val, (Valdelice)? Pessoas inesquecíveis que sempre me incentivam a continuar. Acho que eles entendiam a luta que era estudar numa época em que a escola pública era tão excludente. Fácil não foi, tenho lembranças de quando cursava o ensino fundamental. Para conseguir chegar na escola era uma luta diária, eu morava em distrito rural, ficava a 9 km de distância da escola e não tinha transporte escolar, todos os dias eu acordava uma hora mais cedo para chegar com antecedência na BR e achar uma carona, na ida e na volta. Imaginem como acordar cedo era sofrido, pois, às vezes, chegava em casa duas ou três horas da tarde, por não ter conseguido carona. Tinha um rapaz que toda vez que passava, só de me ver ele já parava, fazia viagem e cobrava passagem, mas sempre me dava carona. Manuel era seu nome e sou muito grato a ele pela alegria que eu ficava quando pensava: hoje chego cedo. No ensino médio minha família já tinha mudado para a mesma cidade da escola, já não sofria para pegar transporte para estudar. No mesmo ano que iniciei o ensino médio, os moradores da zona rural conseguiram transporte escolar, verba destinada pelo Governo Federal, com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FUNDEB), com o Programa Nacional de Apoio ao Transporte Escolar (PNATE), e o Programa Caminho da Escola, que atende alunos da rede pública de educação básica, preferencialmente residentes na zona rural. Como já comentei antes, foi o governo que pensou na educação do povo pobre, preto e da zona rural.

Enfim, voltei para o Educandário Pestalozzi como professor, meu coração não cabia de tanta alegria, meus antigos professores agora eram meus colegas.

Neste período já pensava diferente, queria ser igual aos meus antigos professores, agora colegas, que me ajudaram no passado. Não queria repetir os erros de alguns professores que tive no meu período de aluno. Como não esqueci do que passei, buscava não fazer o mesmo. Paulo Freire disse que o professor deveria ser sensível à história de vida dos alunos, resgatando seus sofrimentos, mazelas e cicatrizes. A partir dessa vivência, o conhecimento seria construído.

(...) a educação dialógica parte da compreensão que os alunos têm de suas experiências diárias (...), minha insistência de começar a partir de sua descrição sobre suas experiências da vida diária baseia-se na possibilidade de se começar a partir do concreto, do senso comum, para chegar a uma compreensão rigorosa da realidade. (FREIRE, 2008, p.131)

Nesse período comecei a ter um olhar para o social, eu e minha esposa, Simone, decidimos convidar alguns moradores do bairro onde morávamos e fundamos uma Associação de Moradores. Fui presidente do bairro e Simone tesoureira e presidente da Associação esportiva. Uma mulher presidente de um time de futebol, ela chegava nas reuniões e os homens pensavam: o que essa mulher está fazendo aqui? O futebol ainda hoje é do minado pelo sexo masculino, imaginem há 14 anos, como ela sentia isso na pele, mas como sempre foi determinada seguiu como presidente e foi a melhor presidente naquele período. Juntos lutamos por melhorias do Bairro Bela Vista, em Coaraci, deixamos um legado pelo tempo que ficamos na Associação, as conquistas foram grandes.

Em 2011, eu e minha esposa decidimos vir para São Paulo, agora tentamos imaginar minha decisão. Eu tinha passado no concurso para professor municipal em segundo lugar no Município de Uruçuca na Bahia, entreguei todas as documentações solicitadas e simplesmente decidi vir para São Paulo. Eu tinha curiosidade de conhecer a maior metrópole do nosso país, então conversei com Simone e decidimos passar uns três meses, tempo esperado para ser chamado no concurso. A família de Simone nos incentivou bastante, então fomos para São Paulo, e, para a minha surpresa, estou aqui até hoje. O concurso chamou, eu perdi a data de apresentação e aqui fiquei. Enfim, viemos a São Paulo e chegamos em Heliópolis.

Paulo Freire chamou-me a atenção pela sua preocupação com a condição do ser humano, isto é, o reconhecimento de que este se encontra num processo constante de desenvolvimento. O ser humano não pode ser considerado como uma realidade pronta, acabada, mas, sim, como um ser em busca constante de auto, realização e crescimento, o que pode ser identificado com o seu processo contínuo de humanização. Aqui em Heliópolis começou minha transformação como ser humano.

O utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico (FREIRE, 1980, p. 27)

A primeira vez que ouvi sobre a história de Heliópolis foi da melhor forma possível, ouvindo Dona Genésia numa formação, sei que agora ficou uma curiosidade, quem é Genésia? Então vamos lá, para contar a história de Heliópolis é preciso contar a história de pessoas como Dona Genésia, Cleide, Geraldo, João Miranda, Mércia, Bosco, João Prefeito, Neguinha, Simone Cidinha, e se for citar todos terei que utilizar várias páginas. Heliópolis tem um milhão de metros quadrados, na década de 70 eram vários campos de futebol, a especulação latifundiária pretendia construir um shopping. Esse terreno era estratégico, do lado da cidade de São Caetano, considerada cidade de primeiro mundo, do lado das cidades do ABC Paulista, de grande potência industrial.

Importante também ressaltar o bairro do Ipiranga, que recebeu várias doações de terras e ganhou relativa ocupação branca, o que causou a transferência maciça dos índios Guaianazes para outros lugares. Bairro bastante conhecido por grandes casarões, moradas de condes e condessas, onde ocorreu um fato histórico, a Proclamação da Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822, por Dom Pedro I, às margens do Ribeirão Ipiranga.

A prefeitura de São Paulo removeu 153 famílias de áreas ocupadas na favela da Vila Prudente, com a intenção de fazer vias públicas, e elas foram acomodadas em alojamentos “provisórios” no terreno comum, com um milhão de metros quadrados. Esses alojamentos se tornaram permanentes, com promessas da casa própria. No Brasil o sonho da casa própria é muito distante para a maior parte da população, a desigualdade é imensa e eu fico sempre a imaginar como uma pessoa tem uma casa de 60 milhões de reais enquanto milhares de pessoas morrem sem realizar o sonho da casa própria.

Figura 1 - 1º alojamento de Heliópolis 153 famílias trazidas pela prefeitura da favela da Vila Prudente



Fonte: página da UNAS

Junto com essas famílias vieram Genésia, João Miranda e Cleide, que chegaram aqui em Heliópolis com os sonhos da casa própria e de melhoria de vida. Nesse período chegaram muitos imigrantes do Norte e Nordeste, fugindo da seca. Ao redor de Heliópolis havia muitas fábricas, empresas, como a Ford em São Bernardo e todos sonhavam em trabalhar nessa montadora de automóveis, assim eles iam ocupando e construindo seus barracos.

A miséria na região Nordeste, desde muito tempo é debatida como um fenômeno histórico que assola essa porção do território brasileiro. Geralmente diversas famílias pressionadas pela falta de oportunidade de emprego, e ausência de qualquer outro meio de vida, se deslocam de seu local de origem para tentar uma vida melhor em outras partes do país. Passou a ser um fenômeno comum em nossa história.

Confesso a vocês que, quando ouço essa história da Genésia e da Cleide, eu faço uma reflexão de como foi formado esse país, os grandes centros sendo higienizados, pobres e negros sendo afastados para os morros e nordestino sendo obrigados a sair da sua cultura, dos anseios de seus familiares para buscar vidas melhores nas grandes metrópoles. Pessoas que não tiveram acesso à escola chegaram aqui cheios de sonhos, e penso como foram explorados, quantos construíram grandes mansões e como as fortunas de grandes empresas foram feitas com a força do trabalho dessas pessoas, não dá nem para mensurar.

A terra e moradia no Brasil é uma história que chega a ser vergonhosa, proposital, desde a lei 1850, a Lei da Terra, sancionada pelo D. Pedro II. Por esse motivo, hoje ainda é tão difícil conseguirmos a casa própria. As terras brasileiras foram privatizadas, doadas em trocas de favores e de mão de obra com os imigrantes, com a Lei da Terra, D Pedro II aumentou o preço das terras, dificultando a compra pelos camponeses pobres, privilegiando os fazendeiros, sendo assim eles só aumentaram suas propriedades e suas fortunas. O pior aconteceu quando a Lei Áurea foi decretada pela princesa Isabel, pois antes a população negra estava nas fazendas, nas senzalas, nos quilombos, mas depois da lei Áurea, de 1888, eles foram jogados nas ruas, sem ter nenhuma política de assistência e reparação dos 300 anos de escravidão.

Os execra-vos adultos foram para as cidades vender a força do trabalho, sem condições nenhuma de comprar uma casa ou um pedaço de terra, como falam os nordestinos, sendo obrigados a morar em lugares insalubres como morros e cortiços, bem distantes dos grandes centros, onde era o espaço dos grandes comerciantes.

Jessé Souza comenta:

Afinal, é preciso convencer todo um povo que ele é inferior não só intelectualmente, mas, tão ou mais importante, também inferior moralmente. Que é melhor entregar nossas riquezas a quem sabe melhor utilizá-las, já que outros são honestos de berço, enquanto nós seríamos corruptos de berço. (Souza, 2017, p. 23)

Já sabemos que em Heliópolis não foi diferente, as pessoas não tinham condições de comprar sua casa, de sonhar em ter seu canto no seu barraco.



Figura 2 - Mutirão para construir moradia em Heliópolis

Fonte:

página

da

UNAS

SURGIMENTO DE GRANDES LIDERANÇAS

D. Genésia veio do Nordeste com este sonho de conseguir seu pedaço de terra, no Nordeste havia terras, mas os pobres não tinham oportunidades de ter essas terras para manter seu sustento, lá também havia grileiros que controlavam as terras. Em Heliópolis, dona Genésia foi firme e enfrentou todo tipo de opressão. Ela conta que, no início, houve muita disputa marcada por diversas ocorrências envolvendo os grileiros, tentando expulsá-los e impedir as ocupações, e assim comercializar a terra que não lhes pertencia.

Nessas lutas contra grileiros e policiais foram surgindo algumas lideranças, entre elas Genésia e João Miranda, eles contam que, quando João Miranda saía para o trabalho, Genésia estava mobilizando as mulheres para a luta pela terra e para enfrentarem a polícia e os grileiros armados. O que me marcou foi D. Genésia falando que às vezes seu João chegava à noite e a polícia ia à sua casa tentar reprimir e falavam para ele: “você não controla sua mulher”. Parece até engraçado, mas é uma história real, em que ficam claras as ações de um estado machista agressor, patriarcal e excludente. João era homem, tinha que controlar sua mulher, esta era a fala. Fico a pensar na força dessas pessoas, que depois de um dia de trabalho se reuniam à noite, como relata o seu João Miranda, se sentavam em caixotes para realizar as reuniões de núcleos das associações.

Figura 3 - Reunião das lideranças



Fonte: página da Unas

Segundo Freire, a pedagogia Libertadora é um instrumento fundamental no processo de conscientização e na constituição dos movimentos sociais, pois não é só a opressão que leva trabalhadoras e trabalhadores ao engajamento na luta social, mas sim a compreensão da razão de serem oprimidos. Nesse processo de formação dos movimentos sociais, refletindo

sobre a participação das lideranças revolucionárias nas ações políticas, junto com o povo, Freire defende que a “ação política junto com os oprimidos tem de ser, no fundo, ‘ação cultural’ para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles”. E acrescenta que as ações em comunhão com as massas populares devem ser uma característica da ação cultural para a libertação, forjada na práxis e por meio de uma autêntica relação dialógica, permitindo que os oprimidos se conscientizem da necessidade de lutar pela libertação, já que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 52 e 53)

Heliópolis foi símbolo de luta. Quando conseguiram construir a sua casa eles perceberam que tinham a casa, mas faltava educação, saneamento, infraestrutura, lugar para as crianças ficarem para as famílias irem ao trabalho. Começaram a perceber todos os problemas que já sabemos que faltam em uma comunidade.

Cleide conta que existiam vários núcleos de associações, na época o prefeito era Jânio Quadros, que fez uma proposta de privatizar uma parte dos terrenos. Como já havia vários núcleos de associações, Cleide, João Miranda e Genésia não aceitaram essa proposta, pois sabiam que prejudicaria os moradores daquela região, mas outras associações ficaram do lado do governo, na votação a proposta do prefeito perdeu e ganhou o núcleo que representava o interesse do povo.

Segundo Cleide, o prefeito em exercício ficou bravo e disse que não ia mais escutá-los, então houve a necessidade de unir os núcleos e associações e criar União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região, a UNAS, em 1978, para pressionar o governo que estava no poder. Cleide, hoje presidenta da UNAS, relembra, com muita alegria, da participação da comunidade nas tomadas de decisões e como o povo conseguia estar junto com eles na luta por políticas públicas. Heliópolis se transformou em um Bairro Educador, sendo referência para várias outras comunidades.

A UNAS é uma entidade sem fins lucrativos, que sempre fez, junto com os moradores, pressão sobre o poder público para melhoria da população de Heliópolis. Por exemplo, não havia creche, então criaram o movimento *Mães sem Creches*, lembrando que, no início, a participação voluntária foi fundamental para iniciar a pressão pela efetivação de projetos, como por exemplo, o CCA antigo (OZEN), Centro para Criança e Adolescentes. As famílias não tinham onde deixar as crianças, as mães de família tinham que sair para trabalhar como empregadas domésticas para completar a renda familiar.

No Brasil, estava começando a revolução tecnológica, ou seja, a troca da mão de obra pelas máquinas, e os trabalhadores das fábricas como a Ford, no entorno de Heliópolis, começaram a perder o emprego, pelo baixo nível de escolaridade. Com a disponibilidade de máquinas trabalhando em tempo integral, o trabalho braçal humano foi sendo substituído, o trabalhador passou a ser considerado como um “capital intelectual”, valorizado, e que transmite e aprimora seus conhecimentos, habilidades e atitudes em prol do aumento no faturamento e desenvolvimento de uma organização. Então, começou o OZEN, que era um espaço para as crianças fazerem atividades depois da escola, o CCA de hoje.

Figura 4 - O antigo OZEN



Fonte: página da Unas

O OZEN começou com mulheres se disponibilizando voluntariamente, há relatos de que, no início, eram bancos de madeiras, elas iam para as feiras livres e para o comércio arrecadar alimentos para fazer as refeições das crianças. Cleide conta que, mesmo depois do convênio que fizeram com a prefeitura, o dinheiro não dava para todas as despesas, ainda continuavam a arrecadar alimentos, e assim foi crescendo a UNAS.

PROJETOS E AÇÕES QUE FAZEM DE HELIÓPOLIS REFERÊNCIA NO BRASIL

Cheguei em Heliópolis em 2012, conheci a UNAS desde o primeiro momento, de lá para cá descobri que não sou mais o mesmo, eu me transformei, me encontrei com um mundo com uma diversidade muito grande. Assim, fui conhecendo os projetos, cada descoberta era uma fonte de aprendizado, na busca por uma educação popular que realmente fizesse uma diferença na transformação do outro.

Eu, durante minha trajetória, não deixei me levar pela mesmice de uma sala de aula com uma educação bancária, que levava o sujeito apenas a seguir planejamentos voltados para decorar, formar seres apenas para o trabalho, deixando de lado a construção de sujeitos reflexivos, protagonistas. A cada dia essa luta me deixa mais inquieto com o machismo, o preconceito racial e religioso, a homofobia, enfim, pouco aparece esse debate nas escolas de Heliópolis.

Pensando nessa educação, vou citar uma escola referência mundial, a EMEF Presidente Campos Salles, uma escola localizada dentro de Heliópolis, que busca essa proximidade com a comunidade, com os movimentos sociais do entorno, refletir sobre sua proposta pedagógica e o contato entre professor e aluno. Uma escola que hoje é diferente da grande maioria das escolas, é uma escola sem grades, onde o estudante é ouvido.

Em 2007, o Braz Nogueira, diretor da escola e as lideranças do bairro, viram a necessidade de coibir o tráfico de drogas, que acontecia na praça próxima à escola. Com o apoio da Secretaria Municipal de Educação, o espaço da praça e os arredores foram revitalizados e as grades que separavam a escola do entorno foram extintas.

Inspirado pela experiência portuguesa da Escola da Ponte, do professor José Pacheco, o Braz propôs à comunidade es colar, que se realizassem mudanças na estrutura pedagógica e apresentou à comunidade escolar, às famílias e lideranças comunitárias, a ideia de romper com a estrutura tradicional do currículo e da organização das salas de aula. Braz assegurou aos envolvidos que a mudança seria radical, mas que os ganhos seriam processuais. Assim, era preciso que todos estivessem envolvidos e que, juntos, criassem um modelo que funcionasse para a comunidade e que, aos poucos, todos aprendessem com o que estava se desenvolvendo.

A grande mudança que ocorreu na escola Campo Salles foi a derrubada das paredes, as mesas deixaram de ser individuais e estudantes começaram a se organizar em grupos de seis pessoas. No lugar de um professor por matéria, os docentes começaram a compartilhar a gestão da sala de aula. Cada salão é acompanhado por três professores. Foram vários projetos que me fizeram refletir todos os dias, fazer uma grande mudança e entender que estamos em um mundo machista, patriarcal, racista e homofóbico.

São muitas as ações que a UNAS tem realizado para transformação do bairro educador, gostaria de citar todas, mas fica aqui o convite para você, leitor deste trabalho, vir aqui visitar e conhecer todas as ações que a UNAS vem realizando para transformar Heliópolis em um bairro educador. Não poderia deixar de citar as formações que temos, os movimentos Negro, Mulheres, Juventudes, o Sol da Paz, Fé e Política, LGBT e o Sem Teto. Com eles vamos levando a comunidade a lutar por igualdade de direitos e ter uma formação política para buscar políticas públicas.

Também tem o Seminário de Educação que acontece todos anos, a partir da integração entre escola e comunidade, UNAS e a EMEF Pres. Campos Salles. O Bairro Educador de Heliópolis vem se expandindo e se constituindo como um importante centro de desenvolvimento de concepções e práticas pedagógicas inovadoras, que inspiram muitas outras experiências no Brasil e no mundo. Atualmente, essa rede articulada envolve também outras escolas, projetos e movimentos sociais em torno de cinco princípios comuns: tudo passa pela educação, a escola e o projeto como centro de liderança, autonomia, responsabilidade e solidariedade. Sempre observo que, assim como a transformação aconteceu comigo, acontece também com várias pessoas próximas.

Figura 5 - Braz Diretor da Campos Salles derrubando as paredes



Fonte: página da UNAS

José Pacheco diz que ouve falar muito em educação para a cidadania. Educar no exercício desse princípio de que individualmente sou responsável pelo meu coletivo. Minha liberdade começa onde começa a liberdade do outro. Questão de solidariedade, empatia. Competências do século 21, pelo menos na teoria.

CAMINHADA PELA PAZ DE HELIÓPOLIS

Todos os movimentos sociais têm uma ação em nível de comunidade ou até mesmo na cidade de São Paulo, o movimento Sol da Paz realiza a grande Caminhada pela Paz, que acontece anualmente e percorre as ruas dos bairros como Parque Bristol, Jardim de São Saveiro, Sacomã, Jardim Clímax e Heliópolis. O evento é organizado anualmente pela UNAS e a EMEF Campos Salles.

A primeira Caminhada pela Paz foi criada após o assassinato da estudante Leonarda, de 15 anos, em 1999, pelo então na morado. É uma grande mobilização e articulação da comunidade escolar em movimentos sociais. Hoje, a caminhada da paz tem uma articulação em toda a cidade de São Paulo, com a participação de várias autoridades da política.

Já deu para perceber que Heliópolis é um bairro que vem se desenvolvendo. No princípio, tudo passa pela educação, na verdade, minha vontade é citar todas as ações aqui, mas deixarei para a próxima etapa. Não poderia deixar de falar do Centro para Criança e Adolescentes, o CCA. Vocês não imaginam o quanto esses projetos transformam seres humanos, posso citar vários exemplos de educandos desse projeto que hoje são conselheiros tutelares, educadores, músicos, enfim, mudaram suas expectativas de vidas.

Figura 6 - Crianças do CCA Izaura na Caminhada da Paz - Parque Bristol - 2022



Fonte: Facebook da UNAS

MEU LOCAL DE ATUAÇÃO, MINHAS PRÁTICAS

A UNAS tem 11 projetos CCAs, mas vou me deter no CCA Izaura Maria da Conceição, localizado na rua Dom Macário, 246, no bairro Jardim Saúde, na comunidade do Boqueirão. É um espaço de referência para desenvolvimento de ações socioeducativas com crianças e adolescentes que buscam assegurar o fortalecimento dos vínculos familiares e o convívio grupal, comunitário e social. Ele é organizado em duas modalidades: centro para crianças de 6 a 11 anos e 11 meses e centro para adolescentes de 12 a 14 anos e 11 meses. O Izaura atende 180 crianças e adolescentes, no contraturno escolar.

No CCA Izaura, a criança e adolescentes são acolhidos no momento em que chegam no projeto, sempre tem alguém para dar um bom dia, conversar um pouco. Essa conversa acontece no portão, no refeitório, nas salas, assim conseguimos identificar os sentimentos da criança e do adolescente, se eles dormiram bem, se ficaram até tarde no celular, se estavam doentes, se não dormiram porque o pai é usuário de drogas e não as deixaram dormir ou até mesmo por sofrer ou presenciar cenas de violência doméstica, dificuldade na escola, se foi bem ou teve alguma briga ou bagunça na escola. Esse momento, para a equipe do CCA, é muito importante, pois é um momento de acolhimento.

Alimentação: para estimular a experimentação de novos sabores e para a construção de hábitos alimentares saudáveis, buscamos o envolvimento das crianças e adolescentes na construção do cardápio. Uma vez por ano eles realizam uma Feira Gastronômica, na qual desenvolvem pratos saudáveis de acordo com suas vivências, para podermos socializar com a turma e desenvolver, no CCA, o prato mais votado, juntos com os educandos, na questão da alimentação saudável.

Com as atividades dentro da missão da UNAS, as crianças e famílias assumem essa intenção consciente de que suas propostas têm consequências em atitudes e convivências e geram novos conhecimentos e habilidades, com alternativas para integrar as atividades sociais e culturais de forma a privilegiar a formação e o desenvolvimento dos cidadãos. Por meio das reuniões e visitas domiciliares criamos vínculos, fortalecendo a parceria entre CCA, criança e a família, com a comunidade e a participação ativa das famílias na “vida” do serviço, assim, criamos um canal de informações das propostas e informações sobre o desenvolvimento das crianças. Trabalhamos essa participação das famílias no projeto político pedagógico, buscamos melhorias do trabalho com as crianças e um maior envolvimento das

famílias na vida dos seus filhos. Temos uma parceria com um projeto que busca combater o ciclo de violência doméstica, e atende 400 crianças com oficinas e acompanhamento psicológico, projeto que vem empoderando várias mulheres para esse rompimento da violência doméstica, um grande aliado na luta contra o machismo dentro do CCA.

Figura 7 - Mobilização da Comunidade



Fonte: Página da UNAS

Figura 8 - Crianças na Caminhada da Paz



Fonte: Página da UNAS

Trabalhamos temas de direitos humanos com as crianças, com as famílias e com a comunidade para que entendam seus direitos sociais, lutem em busca de igualdade individual e pelo coletivo para o desenvolvimento da comunidade e do bairro educador. No combate ao racismo e preconceito racial, nossa luta é constante, fazemos rodas de conversas, os educandos participam de rodas de leitura com escritores negros e protagonizam a semana literária, com sarau dentro do CCA e com participação de outros CCAs e escolas próximas. É feita uma grande reflexão sobre a população negra, que não é só vista na semana da consciência, mas lembrando-os que devemos lembrar desses temas todos os dias, não apenas em uma data, e, sim, vê-los como algo que deve ser cultural, de nossa vivência e raízes históricas, valorizando e protagonizando o negro na sociedade e seu pertencimento.

Todo ano é realizada uma votação para comissão dos educandos do CCA, que tem várias deliberações e participações dentro da sala, criando os cardápios com toda turma. A cada três meses a comissão participa das reuniões de cozinheiras, em que participam as onze

cozinheiras, para criar o cardápio trimestral. Essa comissão também participa das discussões do Fórum da Criança do Adolescente do Ipiranga. Além de estar presente na prestação de contas da equipe gestora do projeto para as crianças e familiares, temos projetos artísticos e culturais sempre valorizando as vivências dessas crianças, sempre partindo da ideia de construir juntos com eles. Temos o Boqueirão Folia, um bloco de carnaval que, em fevereiro, vai às ruas da comunidade, sempre com propósito da garantia de direitos, onde buscamos, através da data comemorativa do carnaval, que eles saiam às ruas com batuques, cantando e passando uma mensagem para comunidade, sempre com a garantia de direitos e políticas públicas.

Figura 9 - CCA Izaura **Figura 10** - crianças CCA Izaura



Fonte: Facebook CCA Izaura

Ainda falando de temas artísticos e culturais, temos o Helipa Music, apresentações produzidas por crianças e adolescentes. Por meio das oficinas de hip-hop, eles criam uma música, em uma data específica, se reúnem no CEU - Centro Educacional Unificado, um dos mais conhecidos equipamentos educacionais implantados em São Paulo. Esse evento cultural é realizado por todas as crianças e adolescentes dos onze CCAs da UNAS. O festival é a concretização de um dos trabalhos mais importantes desenvolvidos pela UNAS, pois envolve educação, cultura, direitos humanos e o protagonismo da juventude.

O CCA mobiliza e articula junto com a comunidade do Boqueirão, levando essa cultura de paz, participa com seus manifestos diariamente, nas reuniões de pais, e fazem algumas reflexões: qual a paz que eles querem? Há paz sem direitos garantidos?

Para ter paz, é preciso políticas públicas de educação com qualidade, acabar com racismo, a violência, a homofobia, o machismo, a intolerância religiosa e, o mais importante,

ter respeito com as outras pessoas, com o círculo de construção de paz, a Justiça Restaurativa, que acontece semanalmente, consolidando as ações para formação de novas cidadãs e novos cidadãos, buscando uma nova maneira de lidar com os conflitos surgidos no cotidiano dessas pessoas. As rodas de conversas são feitas diariamente, com o propósito de criar um bom vínculo e que todos democraticamente participem das atividades e desenvolvam o pensamento sobre as questões sociais que lhe afetam, discutindo assuntos de interesse das crianças.

Também são feitos combinados que as próprias crianças e adolescentes trazem para a roda, como proposta de um bom relacionamento. Estão no ambiente, educadores e colegas no processo de construção da autonomia, na participação, no envolvimento, na elaboração das regras e nas tomadas de decisões relacionadas ao dia a dia das atividades. Estes projetos são espaços socioeducativos, que têm seus agentes articuladores na ampliação de oportunidades para efetivação dos direitos e do desenvolvimento e autonomia das crianças e adolescentes, levando a novas descobertas, atribuindo novos significados ao mundo, aprendendo sobre a vida em comunidade, na participação ativa e protagonista, partindo de um processo investigativo e questionador sobre os problemas da comunidade, seus próprios conteúdos e disseminando-os aos colegas e familiares e comunidades.

Figura 11 - Roda de conversa na praça



Fonte: Facebook Izaura

O professor José Pacheco diz que a aprendizagem não depende de edifício, das salas de aula, do quadro ou giz. Não precisa sequer de aulas no modelo tradicional. A escola é feita de pessoas e é nessas pessoas que todo o sistema de educação deve focar.

Assim, estamos usando como estratégia uma rádio web, em que as crianças e adolescentes estão aprendendo a criar seus programas para os seus ouvintes. Acredito que já perceberam que vivemos Paulo Freire no dia a dia, em todas as nossas ações está refletido o nosso grande educador, que nos norteia. A UNAS tem como missão transformar Heliópolis e região em um bairro educador, compreendendo suas realidades, desenvolvendo a leitura crítica sobre os conteúdos referentes aos meios de comunicação e de seu trabalho, reconhecendo o ser humano como sujeito de direitos e fortalecendo sua autonomia para efetivação da cidadania.

Neste sentido, busca parcerias com o poder público, iniciativa privada e organizações sociais, garantindo o suporte à implementação de projetos, programas e serviços nas áreas de educação, cultura, assistência social, esporte, juventude, empreendedorismo, direitos humanos e movimentos de base. Através dessas parcerias, atualmente, são impactadas cerca de 10 mil pessoas por mês, por meio de 52 projetos sociais. Ela tem seu trabalho reconhecido na cidade de São Paulo, no Brasil e Internacionalmente, tendo recebido o prêmio Betinho de Cidadania, concedido pela Câmara Municipal de São Paulo, nos anos de 2002, 2016 e 2019; pela sua atuação na rádio comunitária, foi agraciada pela APCA-Associação Paulista dos Críticos de Arte com o Troféu Cidadania -, em 2005. No ano de 2004, recebeu o Prêmio Itaú pelo seu trabalho na área de Educação; no ano de 2011 recebeu o Prêmio FIES - Fundo Itaú de Excelência Social; no ano de 2017 foi agraciada com o Prêmio de Melhor ONG em Desenvolvimento Local, uma iniciativa de o Instituto Doar e da Revista Época e, no ano de 2018, recebeu o Prêmio Milton Santos da Câmara Municipal. Tem como premissa, em seu planejamento estratégico, a priorização do trabalho junto a adolescentes, aos jovens e famílias, buscando parcerias com a iniciativa privada e Poder Público para alcançar este objetivo.

Ficou claro, agora, por que hoje sou educador e não mais professor de História? Aprendi com Paulo Freire para ser um educador, eu precisei me transformar, agradeço muito ter conhecido Heliópolis e a UNAS e ser essa pessoa que sou hoje. Para concluir sobre minha mudança, não poderia deixar de falar da minha chegada no Curso de Especialização em Alternativas Para uma Nova Educação (ANE), da Universidade Federal do Paraná - UFPR Litoral.

Vocês não têm ideia de como eu fiquei feliz e o quanto esse curso é importante para o ser humano. Na ANE, somos protagonistas da nossa própria história, buscamos sempre fugir da educação tradicional, é um coletivo que busca sempre o melhor.

Vou deixar aqui o objetivo da pós, assim é possível ter uma noção do quanto é importante esse movimento ANE, que tem uma relevância na minha vida pessoal e profissional e na organização um espaço de aprendizagem, que busca promover e implementar novas alternativas educacionais, por meio de vivências, estudos, diálogos, fortalecimento, em rede, envolvendo os educadores, estudantes e suas comunidades na construção de uma educação significativa, transformadora, solidária, inclusiva, ética e colaborativa.

Eu confesso a vocês que cheguei nessa roda e continuarei, daqui não sairei, fico muito feliz em falar para vocês um pouco da minha vida e de como me transformei, e isso acontece por ter entrado nesta teia ANE.

HISTÓRIA QUE NOS FORTALECE

Viver em Heliópolis é um aprendizado em todos os momentos. Quero trazer para vocês duas histórias desse lugar que transformaram muita gente e que chamam nossa atenção pela inteligência e pela bela forma de ser líder é conduzir uma comunidade.

As creches, em São Paulo, eram da Assistência Social e quando passaram para a Educação, exigiram curso superior em pedagogia para ser professor em creche, daí começaram as demissões. João Miranda, na época presidente da UNAS, procurou o poder público, na pessoa do secretário. A prefeita que estava no mandato era Marta Suplicy (PT), conta seu João que falou *“então, nosso povo não teve condições de estudar, a USP - Universidade de São Paulo não é para gente, não abre as portas para os favelados. O que vocês podem fazer com a gente? Vocês precisam nos dar oportunidade de estudar”*. Assim, a comunidade de Heliópolis ganhou mil bolsas de curso superior, pode-se imaginar o impacto que isso teve dentro de Heliópolis, quantas vidas foram transformadas.

A segunda história foi que, em 2003, o arquiteto mundialmente reconhecido, Ruy Ohtake, deu uma entrevista numa revista e falou que o mais feio na cidade era a diferença entre bairros ricos e pobres. A revista publicou a seguinte declaração atribuída ao prestigiado arquiteto e urbanista: “*O que acho mais feio em São Paulo é Heliópolis*”. Na semana seguinte, uma provocação mudou o curso previsível da história: João Miranda ligou para Ohtake. Em vez de exigir explicações, pediu que ajudasse e disse: “*Ruy, o que você pode fazer para nos ajudar a deixar Heliópolis mais bonito?*”. Conhecido por obras como os hotéis Unique e Renaissance e o Instituto Tomie Ohtake, dedicado à obra de sua mãe, Ruy, se viu diante de um desafio até então inédito na carreira.

Conta ele, por diversas vezes, que essa conversa entre eles foi o ponto de partida para uma grande parceria junto à comunidade, que envolveu vários projetos.

Os principais foram um conjunto habitacional e o Polo Educativo e Cultural de Heliópolis, que inclui uma biblioteca pública, um centro cultural com cinema e galeria e espaço para feira de produtos artesanais, além de uma escola técnica. Ruy Ohtake concebeu e coordenou os trabalhos de forma voluntária, a obra de maior porte projetada para a comunidade foi o conjunto habitacional com os prédios cilíndricos, conhecidos como “Redondinhos”. De acordo com Ohtake, o projeto foi elaborado a partir de conversas feitas pessoalmente com os moradores de Heliópolis, considerando as preocupações que eles levantavam.

Figura 12 - Ruy Ohtake - Prédios Redondinhos



Fonte: página da UNAS

São duas histórias que me inspiram muito e me fazem sentir dentro desta missão de transformar Heliópolis em bairro educador.

Nos próximos capítulos, irei contar histórias reais de pessoas impactadas por fazerem parte do projeto bairro educador, são emocionantes histórias de vida. Sendo educadores, iremos garantir um futuro melhor para nossa comunidade. “É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática” (Paulo Freire)

Freire nos ensinou que a história não é um tempo de determinismos, mas, sim, de possibilidades, e revisitar a sua obra, hoje, significa reinventar a esperança em tempos sombrios, e esperar, como ele próprio esperou.

Nossa luta de hoje não significa que necessariamente conquistaremos mudanças, mas sem que haja essa luta hoje, talvez as gerações futuras tenham de lutar muito mais. A história não termina em nós: ela segue adiante.

RELATOS DE TRANSFORMAÇÃO PELA EDUCAÇÃO EM HELIÓPOLIS

Milena Carrari

Me chamo Milena da Silva Carrari, tenho 22 anos, moro em Heliópolis e atualmente sou Coordenadora Pedagógica em um CCA da Unas localizado no Bairro Santo Estefano, CCA Aziz.

Fui educada no CCA e hoje faço parte do grupo de colaboradores da instituição. A criança, quando entra no CCA, tem uma perspectiva de que será um espaço de brincadeiras e diversão a todo instante, e realmente é, pois o conhecimento é trazidos pelos educadores de forma lúdica, é um aprender diferente, nos aproximando da nossa realidade e, ao mesmo, nos ensinando de que maneira podemos mudar esta mesma realidade. Comigo não foi diferente, passar pelo CCA fez com que eu pudesse ter uma “leitura de mundo”, me tornando uma cidadã portadora de direitos e autônoma na efetivação da cidadania.

As atividades propostas me faziam refletir sobre o meu protagonismo na comunidade - quem eu quero ser? Qual caminho eu percorro até alcançar? De que maneira o CCA fortalece a ideia de transformar a comunidade em um bairro educador? Todas essas perguntas frequentes me deram força para acreditar que seria possível, e foi!

Lembro que, na minha época de projeto, tinha uma comissão de educandos onde era proposto que todos pudessem participar ativamente da tomada de decisões no projeto, a comissão tinha o papel de colher ideias do coletivo e trazer para discussão em um grupo menor. Sendo assim, poderíamos participar das reuniões, cardápio, propostas de atividades, mediação de conflitos entre outros.

Trouxe esta lembrança porque, enquanto fui educadora do CCA, também trouxe esta proposta de atividade pensando em continuar a ideia de transformar a comunidade em um Bairro Educador, tornando as pessoas críticas e políticas. Pois bem, quando me encontrei no papel de educadora social, percebi que tinha uma grande responsabilidade nas mãos, são diversas crianças, com diversas crenças e pensamentos, diferentes conceitos e ideologias, e a questão era: como trabalhar um único conceito diante deste leque de diversidades?

Costumo dizer que somos loucos e apaixonados pelo trabalho que realizamos, pois, propor para uma criança negra, periférica e considerada minoria perante a sociedade que, sim, ela pode mudar o mundo e pode mudar a própria realidade, é difícil! Inúmeros fatores a levam pensar que é impossível sair das margens da sociedade, o educador vem com o seu olhar humano e amplo, propondo àquela criança e adolescente que acreditem em si e na mudança constante, que lute por uma educação libertadora, cidadã, que ajude a construir um país mais democrático e justo.

Posso dizer, com clareza, que o trabalho realizado no CCA prepara o ser para a vida, pois nos permite enxergar o que temos, o que queremos e onde podemos chegar. Hoje, na função de coordenadora pedagógica, sinto que tenho a missão e a responsabilidade de trazer tudo que aprendi durante este percurso, admito não ser fácil, mas o resultado nos fortalece a continuar lutando por um mundo melhor.

Serei eternamente grata por tudo e todos que fizeram parte deste processo, hoje sou CP, formada em Pedagogia, com pós em Psicopedagogia Clínica e Institucional, posso afirmar que **“TUDO PASSA PELA EDUCAÇÃO”**, esta missão da UNAS nos dá um gás, acreditar nessas crianças e adolescentes é o princípio para continuar e firmar a construção do Bairro Educador.

Simone Reis

Meu nome é Simone Simões dos Reis, sou baiana, tenho dois filhos, sou educadora social, formada em pedagogia, tenho 34 anos e sou moradora da comunidade de Heliópolis - SP. Há 10 anos cheguei na comunidade cheia de sonhos, mas com pouco estudo, tinha um objetivo, creio eu que seja de todas as mães, de que meus filhos tivessem um futuro digno e um teto para chamar de nosso.

Em 2013, fui apresentada à UNAS e fiquei encantada com a forma que pessoas simples conseguem transformar a vida de crianças, adolescentes, jovens e idosos. Eu tinha uma familiaridade com associações, pois no ano de 2010, junto com outras pessoas, montei uma associação de moradores no bairro em que eu residia na Bahia, com o propósito de lutar por direitos básicos, como pavimentação e saneamento, mas nosso foco principal era para que os jovens e adolescentes não se envolvesse com drogas ou caíssem no mundo da criminalidade, foram dois anos de experiência na luta e conquista para aquele bairro.

Mas, como disse acima, queria um futuro para meus filhos, e como eu tinha família na comunidade de Heliópolis, resolvemos seguir em busca desse futuro “diferente” e passamos a associação para outros associados. Em 2013, comecei minha trajetória, passei em uma entrevista, em um dos projetos administrados pela UNAS, o Centro de Educação Infantil (CEI).

Ali começou a mudar minha vida, fui contratada para exercer a função de auxiliar de limpeza. No CEI Mina, fui apresentada ao mundo extraordinário em que todos os dias era possível ver o desenvolvimento das crianças nos anos iniciais. Eu sempre fui estimulada a estudar pela equipe, por várias vezes as educadoras diziam: “*Simone, você é tão nova, vai estudar mulher*”. Eu sempre era incluída nas atividades com as crianças, um mundo envolvente, e o desejo de fazer parte do crescimento, do desenvolvimento, cresceu em mim. Neste mesmo ano, fui concluir o ensino médio, faltava apenas o terceiro ano. Em 2014, iniciei a faculdade de Pedagogia, e a minha vivência foi fundamental, pois, entre o teórico e o que eu vivenciava, foi fundamental para meu aprendizado, e nos três anos seguintes, foi sendo transformada e envolvida na missão de transformar vidas.

Meus filhos participaram do CCA Centro para crianças e adolescentes, e percebo que eles aprenderam a ser críticos, desenvolveram senso político, o que era direitos e deveres, foram apresentados ao ECA e aos movimentos de lutas.

Em 2017, enfim, formada, com diploma na mão e uma grande missão, contribuir para transformar Heliópolis e região em um bairro educador, diploma suado, que não era só meu, mas da minha família.

Neste mesmo ano, assumi minha primeira turma, nossa como fico feliz em pensar na turminha berçário II, foi uma das maiores experiências da minha vida. A equipe do CEI Mina era espetacular, pessoas maravilhosas que me ensinaram muito a como ser uma pessoa melhor.

No ano de 2018, participei de uma seleção para coordenação de um centro para criança e adolescentes, CCA Lagoa, agora não tenho mais meus pequenos, é um desafio ser coordenadora pedagógica de um projeto de 180 crianças e adolescentes, tudo muito diferente da CEI, mas essas crianças são empoderadas para seus direitos desde sempre e há troca de conhecimento todos dias com as crianças e familiares. Eu amo o que faço, deixei aqui um breve relato de como me transformei e de como essas vivências me fizeram refletir na educação transformadora.

Para finalizar, Heliópolis é realmente um bairro educador.

Josiana Franchi

Meu nome é Josiana Franchi, tenho 54 anos de idade, sou casada e tenho dois filhos. Sempre me destaquei no segmento Comercial, onde atuei como Vendedora e posteriormente ocupei o cargo de Gerente Operacional de uma notória Instituição de Microcrédito.

Há aproximadamente 23 anos, me tornei mãe pela segunda vez e, quatro anos após o nascimento do meu segundo filho, recebi o diagnóstico que se tratava de uma criança autista, e obtive a informação de que ele nunca seria uma criança normal, nunca sairia das fraldas, nunca seria alfabetizado e nunca sairia do “mundo” dele!

Nesse período, as manifestações clínicas referentes ao autismo não eram tão avançadas, ou pelo menos não havia especialistas que conheçam e que pudessem atuar de maneira assertiva com crianças que possuíam esse diagnóstico.

Quando recebi o diagnóstico dessa condição do meu filho, a princípio, me desesperei, me sentindo culpada, pois por ter sido criada em uma determinada religião e posteriormente não ter seguido essa religião, alguns de minha família me apontavam, dizendo se tratar de um castigo por ter abandonado a fé.

Vivi meu estado de LUTO, pois eu precisava internalizar dentro de mim que as expectativas e ambições que eu havia sonhado para o meu filho deveriam ser mudadas. Portanto, o luto das minhas expectativas se fez duramente necessário.

Após esse período, já com o entendimento de que não se tratava de castigo ou escolhas, mas de fatos, decidi que faria tudo o que tivesse ao meu alcance para tornar o meu filho o mais independente e autônomo possível, de modo a mudar essa afirmação que veio junto com o seu diagnóstico.

Dediquei-me a me tornar pedagoga, somente na premissa de atuar junto a meu filho, de modo a auxiliá-lo em sua alfabetização, buscando proporcionar a ele momentos de interação e socialização, tão fundamentais para a vida do autista.

Mantive-me no segmento comercial mesmo após minha formação, porém, quando decidi seguir essa profissão, encontrei bastante dificuldades por já estar com mais de 50 anos de idade e não ter nenhuma experiência comprovada em Carteira Profissional. Foi quando a UNAS – ONG, localizada na região de Heliópolis, me proporcionou a oportunidade de compor seu quadro de funcionários para o exercício dessa profissão.

Sinto-me gratificada por essa oportunidade e a forma mais honrada que tenho em demonstrar essa gratidão é me esforçando todos os dias, buscando formas e maneiras de atuar em prol de uma Educação Libertadora, pois é sabido que, nesta região periférica onde estamos localizados – Heliópolis, a maior favela de São Paulo –, existem muitos casos similares ao meu e eu posso atuar junto a essas crianças e famílias de modo a tornar seus dias melhores, com um pouco mais informações sobre seus direitos e direitos dos seus filhos.

Sinto-me satisfeita, mas sempre há o sentimento de que é possível e necessário estar buscando formas e maneiras de tornar a infância dos nossos pequenos cada vez mais memorável!

Patrícia Ramos

Meu nome é Patrícia Ramos, tenho 42 anos, mulher preta, periférica. Nascida e criada em São Bernardo do Campo, filha de mineiros.

Tenho dois filhos, fui criada pelos meus pais, que me deram uma criação tradicional. Contudo, me formei em Pedagogia e comecei a dar aula educação infantil, iniciando com acompanhamento das famílias do CEI. Com isso, pude conhecer a realidade e comecei a perceber que a área social me chamava mais a atenção.

Então, em 2007, descobri uma vocação para acompanhamento de famílias, e no ano de 2013, iniciei na UNAS, onde descobri um universo de conhecimentos e entendi a importância da Patrícia enquanto mulher preta, descobri a fortaleza que eu era, qual a minha importância nesse momento e o que posso mudar na minha vida, pois consegui enxergar que estava passando por todo tipo de violência contra mulher e me fortaleci enquanto mulher preta e também consegui entender a importância das políticas públicas, como a importância das pessoas que elegemos para pensar sobre os espaços o que precisa mudar e, com isso, entendi que tudo gira por meio da política e que podemos entender a importância dos direitos e como garanti-los.

Hoje tenho outros propósitos, a vontade de aprender mais e poder lutar pelos direitos e a forma como devo estar fazendo isso, aprendi muito dentro dessa missão de transformar Heliópolis e região em bairro educador.

Luciana Agda

Meu nome é Luciana Agda das Graças, sou mineira de Belo Horizonte, tenho 48 anos, duas filhas Lara Manuella, de 25 anos, e Diana, de 23 anos, e um neto de 11 meses. Moro em São Paulo desde meus 4 anos de idade. Comecei a trabalhar na UNAS em outubro de 2009, depois de 5 anos desempregada.

Iniciei no CEI Clímax como auxiliar de limpeza e sempre gostei de deixar os locais limpos e organizado, sou muito chata comigo mesmo. No início de 2011 iniciei o curso de Pedagogia na antiga São Marcos, consegui uma bolsa no valor de R\$110,00, pela UNAS, pela qual tenho muita consideração, pois foi através da luta por direitos que garantiu a mim e minha família muitas mudanças.

Me formei em fevereiro de 2014, neste período fui educadora social e também coordenadora pedagógica no CCA Georgina. Em 2015 passei para a direção do CEI Frei Sérgio Calixto Valverde onde fiquei seis anos, passando para a direção do CCA Mina em junho de 2021. Muitos aprendizados neste período, no qual também atuo nos movimentos que são a base da instituição. Agradeço muito pela mudança que obtive em minha história, a UNAS fez e faz a diferença na vida de muitas pessoas, sou uma destas.

Gislaine Alvim

Me chamo Gislaine Patrícia Alvim Gomes, sou natural de Belo Horizonte, sou Pedagoga, Pós Graduada em Gestão de Projetos com Famílias, tenho 47 anos, sou mãe de 5 filhos. Sou moradora da comunidade do Boqueirão há 29 anos, fui mãe de 6 filhos, quatro deles nascidos e criados na comunidade. Presenciei várias situações na comunidade, e também suas transformações.

Essa história começou há 29 anos, na comunidade do Boqueirão. Assim que cheguei à comunidade fui informada por uma moradora chamada Nizete, que a comunidade já existia há mais ou menos três anos. Cheguei à comunidade, eu meu pai João, minha mãe Sandra, meus irmãos Gisele com 13 anos de idade, Flávio com 16 anos e meus filhos Bruno com três anos de idade e Bruna com um ano de idade. Estávamos de carro, antes de entrar na comunidade eu observava tudo pela janela, passei por uma praça muito bem cuidada, com uma grama verde e muito conservada que fica na rua Dom Macário. A comunidade era bem pequena, com poucos moradores, com a Rua Dom Pedro Eggerath como rua principal.

A comunidade iniciava na Rua Padre Cursino de Moura, havia na época uma travessa chamada Professor Jaime Regalo, uma rua bem larga, que era passagem de veículos pequenos e grandes. Quando entrei na comunidade fiquei um pouco assustada, muitos barracos com pedaços de madeira, não tinha água encanada e nem rede de esgoto, aquela não era a minha realidade. Naquele momento fiquei feliz por encontrar o barraco da Nizete,

alguém que fazia parte da minha infância, e de encontrar seus filhos que eu conhecia e que crescemos juntos, uma mulher que estava ao meu lado em momentos difíceis.

Meu pai tinha um barraco na comunidade, e assim que entramos já tivemos vontade de ir embora, um barraco com o chão de terra batido, quando chovia entrava água e virava um barro vermelho. Lugar que tínhamos que carregar água de uma bica, sem banheiro pois teria que furar uma fossa, tivemos que procurar baldes pra poder encher de água e para fazer de banheiro. Conheci algumas pessoas como Ari, um Baiano muito alegre, amigo, que amava ouvir Araketu, por mais dificuldades que esse homem enfrentava nunca o vi sem um sorriso no rosto, foi uma das primeiras pessoa que fez parte da minha história e me trouxe muitos ensinamentos, foi com ele que aprendi a não reclamar e sempre sorrir.

Conheci também a Dona Eliete, mãe de dois filhos, uma mulher que gostava de conversar, e foi instruindo minha família sobre como as coisas funcionavam na comunidade. Naquela época o nome não era Comunidade do Boqueirão era só uma favela.

Meu pai já havia ido embora, tínhamos que aprender a nos virar sem ele, eu minha mãe e meus irmãos éramos totalmente dependentes do meu pai, para tomar decisões, financeiramente e para resolver qualquer tipo de problema. Por precaução, decidimos trocar nosso barraco, que na época era no início da comunidade, por outro mais próximo da Rua Eugênio Falk, onde havia manilhas no centro de uma encruzilhada. Nesse período eu já tinha feito muitos amigos, criado laços afetivos e vínculo com muitas pessoas, fui construindo uma vida, uma história na comunidade, presenciando vários tipos de situações.

Uma menina de 19 anos de idade, que sempre foi dependente dos pais para tudo, criada em uma bolha, pois meu pai era muito rígido, e super protetor com os filhos, tendo que aprender formas para viver em um espaço totalmente desconhecido, sem experiência nenhuma. Eu passei muito tempo com duas meninas, Virginia e Priscila, duas meninas de mais ou menos dez anos e eu com 19 anos, mas eram meninas espertas, até mais que eu, hoje em dia tenho contato com a Virginia e com seus filhos, o tempo só reforçou essa amizade.

Nesse tempo ainda não tinha água encanada, nem rede de esgoto, era bem complicada nossa situação, ainda continua vamos carregando água na bica, agora o caminho era mais longo, pois não morávamos mais no início da comunidade, onde enchíamos os baldes colocávamos no carrinho e descia a Rua Padre Cursino de Moura, era um alívio quando descia

a rua com o carrinho e conseguia chegar em casa, pois ficávamos horas na fila pra conseguir encher os baldes, e na maioria das vezes quando descíamos a rua, o carrinho virava, isso era frequente com várias pessoas, era muita tristeza, choro misturado com raiva e indignação por passarmos por tudo aquilo. Eu e meu irmão Flávio tínhamos que subir a rua, hoje conhecida como beco molhado, às vezes quando o carrinho não estava muito bom ele virava depois de muitas horas na fila, com fome, sono e frio, mas tinha algo que prevalecia naquela época, os amigos, que sempre estavam por perto, que não deixavam ninguém desistir, estavam sempre ali pra nos animar, era uma grupo bom, unido pela amizade que se fortalecia.

Quando troquei meu barraco conheci outro lado da comunidade outros moradores. A comunidade era a mesma, mas parecia dois lugares diferentes, eu já não descia muito onde eu morava, a Nizete também veio morar próximo onde eu estava, ficamos bem mais próximas, nessa época eu já me virava bem, sabia ir e vir, tinha um pouco de controle sobre minha vida, meu pai vinha todos os dias me ver e ver o Bruno, eu tinha uma mistura de respeito e medo do meu pai. Dias foram passando a comunidade crescendo, muitas pessoas chegando. A comunidade estava aparentemente tranquila, fazíamos fogueira na rua, tínhamos um grupo que fazia muitas brincadeiras, só quem passou naquela época consegue entender e lembrar com alegria, nos divertimos muito.

Mais pessoas foram chegando, começaram a construir barracos em cima do córrego, onde até aquele momento não havia barracos. Tivemos nossa primeira associação de moradores, conseguimos ligar uma torneira com água encanada na Rua Eugenio Falk, era pouco só uma torneira, mas era um ganho, ficamos muito feliz naquele dia, terminou o ano de 1995 e entramos no ano de 1996.

Conheci uma pessoa especial, diferente, a Dra. Elza, assim que eu a chamo apesar de sermos amigas e comadres, é a força do hábito por ela ser uma pediatra e meu anjo da guarda. Desde quando a conheci minha vida mudou. De início comecei a participar de um grupo para gestantes, fui um pouco resistente, mas ela com toda sua paciência me venceu. Depois me convidou pra participar como voluntária na pastoral da criança, pensei: *voluntária? não vou ganhar nada?* Não sabia o porquê, mas aceitei. Através dela conheci várias outras pessoas, que se preocupavam em ajudar outras pessoas, eu não entendia o porquê, mas tentava fazer do meu jeito, e fazia.

Acabei me formando como líder comunitária da pastoral da criança, tudo isso aconteceu entre 1996 e 1998, me lembro que um dia perguntei a Dra. Elza porque ela não desistia, pois eu sentia as pessoas acomodadas, ela me disse que todos temos uma luz e que às vezes essa luz vai se apagando e temos que estar presente para acender essa luz novamente. Nesse dia eu entendi por que eu não desistia.

Uma mulher que não era da comunidade e estava sempre presente, fazendo a diferença e foi nessa mulher que eu me inspirei, coloquei na minha cabeça, vou aprender, vou estudar, vou fazer a diferença. Fizemos muitas coisas juntas, o consultório médico pediátrico, tínhamos atividades com uma sexóloga para as adolescentes, começamos a montar nossa brinquedoteca, tínhamos a pesagem uma vez por mês, o grupo de gestantes e crianças desnutridas, tínhamos um bazar que acontecia uma vez por mês e todo dinheiro era revertido em remédios para o consultório, trabalhávamos bastante, mas como a comunidade era instável sempre parávamos por causa da violência que se instalava no Boqueirão.

Em 2013 conheci a UNAS, fiz parte de uma equipe que a cada dia foi agregando ensinamentos. Procuo fazer com que pessoas que passam pela minha vida deixem algum aprendizado, conheci pessoas que me incentivaram a estudar, a questionar, a me posicionar, a me expressar. Estou há 9 anos na instituição e me aperfeiçoei no que já existia dentro de mim e sempre tive a prática em minha vida, mas faltava a teoria que é muito importante. Aprendi a planejar e me organizar, e por isso estou aqui, hoje, 2022, e continuo fazendo como a Dra. Elza ficou lá atrás, fazendo com que as pessoas não desistam.

BIBLIOGRAFIA

Paulo Freire: sua visão de mundo, de homem e de sociedade. Caruaru: FAFICA, 2001.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. O Papel da Educação na Humanização. **Revista Paz e Terra**, [s.l.], a.4, nº 9, out., 1969, p. 123-132.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SEMINÁRIO HELIÓPOLIS, BAIRRO EDUCADOR. 9., 2019, Heliópolis. **Anais...** Heliópolis, 2019. Disponível em: <https://www.unas.org.br/single-post/ixseminarioheliopolisbairroeducador>. Acesso em: 13/03/2022

UFPR LITORAL. **Alternativas para uma Nova Educação**. 2021. Disponível em: <http://www.litoral.ufpr.br/porta/cursos/pos-graduacao/alternativas-para-uma-nova-educacao/>. Acesso em: 16/03/2022

CAU/MG. **Arquitetura Social**: O mal-entendido que levou Ruy Ohtake a Heliópolis, em SP. CAU/MG, 2018. Disponível em: <https://www.caumg.gov.br/o-mal-entendido-que-levou-ruy-ohatake-a-heliopolis/>. Acesso em: 03/2022/

UNAS HELIÓPOLIS. Facebook. [20--]. Disponível em: <https://www.facebook.com/UNASheliopolis/photos/?ref=pageinternal>. Acesso em: 10/05/2022

PROJETOS PEDAGOGICOS E MOVIMENTOS DA UNAS

Prédio redondinhos - Conquista de luta da UNAS

Fonte: página da UNAS



Fotografia de João Miranda e Genésia fundadores da UNAS, Cleide atual presidenta



Fonte: Página da UNAS

Braz Nogueira, ex-diretor da EMEF Campo Salles derrubando as paredes



Fonte: Instituto Tiê - outras inspirações

Projeto Heliópolis Investindo na Vida - tem por objetivo disseminar informações sobre prevenção ao HIV e outras ISTs, especialmente a sífilis, para adolescentes e jovens mais vulneráveis de Heliópolis e região



Fonte: página da UNAS

Movimento Negro De Heliópolis E Região

Visa a valorização da cultura negra, principalmente nas periferias, fomentando debates e ações que promovam a igualdade étnico-racial, além de realizar o enfrentamento e o combate ao racismo.



Fonte: página UNAS

Biblioteca Comunitária de Heliópolis - criada em 2005 com o objetivo de promover o acesso à leitura e à literatura, de forma gratuita, dentro da maior favela de São Paulo.



Fonte: página da UNAS

MOVA – Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos tem como objetivo contribuir para a erradicação do analfabetismo, estimulando a leitura e escrita na UNAS.



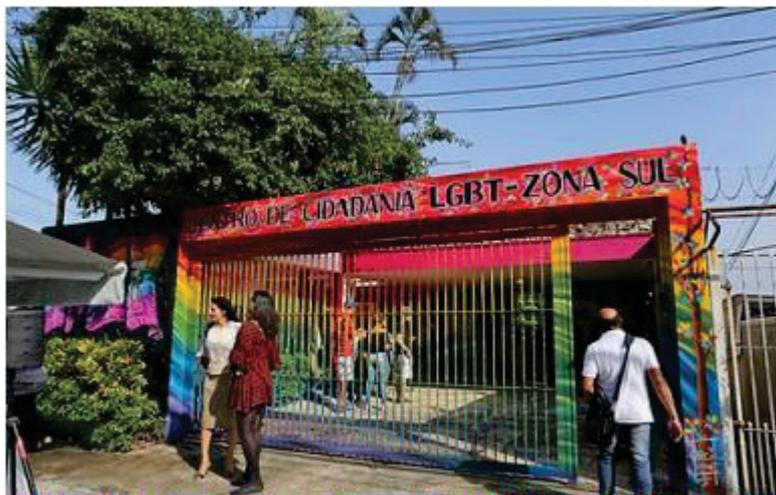
Fonte: página da UNAS

CEI - Centro de Educação Infantil tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento infantil com o desafio de redefinir os termos educar e cuidar, integrando-os em uma só meta.



Fonte: página da UNAS

Centro de Cidadania LGBT - Edson Neris - oferece atendimento especializado ao público LGBTQIA+ vítima de LGBTfobia e/ou em situação de vulnerabilidade social, na região sul da cidade de São Paulo.



Fonte: página da UNAS

O Centro Dia Do Idoso - Nelson Mandela atende e possibilita ao idoso a proteção social especial, com visitas e ações que promovam a sua inclusão, por meio do fortalecimento das relações familiares, além de cuidados específicos realizados por uma equipe de cuidadores, terapeutas, psicólogos, nutricionistas e assistentes sociais.



Fonte: página da UNA

SASF - Serviço de Assistência Social à Família – Chico Mendes, tem por objetivo estimular o protagonismo das famílias na formulação e implementação de propostas coletivas por melhorias na qualidade de vida familiar e comunitária.



Fonte: página da UNAS

Movimento de Mulheres de Heliópolis e Região. As mulheres que sempre foram protagonistas das lutas em Heliópolis, se organizam enquanto movimento para debater questões relacionadas à igualdade de gênero, direitos humanos, direitos das mulheres e o combate ao sexismo.



Fonte: página da UNAS

CCA Izaura na caminhada da paz



Fonte: página da UNAS